



Instituição: Faculdade de Educação/UFRGS

Autor: Álvaro Z. A. Vilaverde - BIC/UFRGS (alvarovilaverde@ig.com.br)

Orientadora: Luciana Gruppelli Loponte (luciana.art@gmail.com)

Apresentação

Concluindo um ciclo de aprendizados na Iniciação Científica, neste trabalho, um atalho dentro da pesquisa **“Docência como Campo Expandido: Arte Contemporânea e formação estética”**, coordenada pela professora Luciana Gruppelli Loponte, com apoio e financiamento do CNPq, compartilho uma irônica e suposta contradição, relacionada às inúmeras fontes de onde nos chegam informações sobre a realidade dos **ambientes escolares**, bem como de outros espaços educacionais: Quando estaríamos apenas ouvindo discursos sobre uma escola idealizada? **Nossa aprendizagem está presa às narrativas de uma escola ficcional?**

Objetivos

Com a intenção de contribuir com as reflexões sobre os novos modos de pensar a docência, como um campo expandido, capaz de contaminar-se por **textos literários e filosóficos**, pergunto: Quais são as ficções da escola e sobre a escola? Que ficções estão disponíveis para pensarmos a docência? E associo estas à outra questão: **Como legitimar outros espaços em que a educação também acontece?**

“A escolaridade é abreviada, a disciplina relaxada, as filosofias, as histórias e as línguas são abolidas, gramática e ortografia pouco a pouco negligenciadas, e por fim, quase totalmente ignoradas.”
(BRADBURY, 2009, p. 85)

Procedimentos

Por exercício tenho extraído de minhas leituras pequenas descrições, ou relatos que exponham concepções desta relação aluno-escola-arte-professor-educação. Reúno aqui relatos de **Nietzsche, Foucault, Gabriel Parrisé, Ray Bradbury e Monet**, possibilitando cruzar e desalinhar reflexões sobre modos de ver e de viver o ofício da docência.

Considerações

Propondo este trabalho como uma análise reflexiva sobre a formação docente e a relação com o espaço escolar, pressuponho que não exista uma noção de verdade única e redentora, pois **sempre seremos frutos do ambiente e das relações que criamos e que estabelecemos com o outro**. Na há erro no que pode inicialmente nos parecer ficcional, e sim um desejo de elaboração e de reconstrução de um percurso que merece ser constantemente reinventado. **A ficção como ferramenta e referência, se faz necessária para que o docente reveja e recrie os caminhos que irá percorrer.**

Referências:

- BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2009. (Original: 1953)
- ERIBON, Didier. Michel Foucault. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PERRISÉ, Gabriel. Estética & Educação (Coleção Temas & Educação). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Escritos sobre Educação / Friedrich Nietzsche. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003.
- WILDENSTEIN, Daniel. Monet ou o Triunfo do Impressionismo. Lisboa: TASCHEN, 2010.

